

Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica

VERA REGINA CASARI BOCCATO
MARIÂNGELA SPOTTI LOPES FUJITA

PALAVRAS-CHAVE
ANÁLISE DOCUMENTAL
REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA
INDEXAÇÃO
FOTOGRAFIA

R E S U M O

A fotografia, documento que transmite informação registrada num suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade. A linguagem fotográfica tem um código e, assim, ela possui um signo, um significante e um significado. Uma vez que a fotografia possui um enunciado, ela é narrativa e transmite uma informação, pode-se analisar e representar o seu conteúdo informacional, independentemente do tipo, da finalidade e da forma de produção.

Nesse sentido, propõe-se apresentar uma síntese bibliográfica das leituras realizadas sobre a análise documental de fotografias, com o objetivo de discutir os procedimentos de representação de conteúdo do documento fotográfico disponíveis na literatura científica da área, com o intuito de oferecer subsídios para melhor compreensão sobre essa temática.

A B S T R A C T

The photograph, document that communicates information recorded in a paper (analogical photograph) or electronic support (digital photograph) records a moment, an instant in the past, establishing the construction of history, culture and education of a society.

The photographic language has a code and so it has a sign, a significant and a signification. Seeing that it has a statement, it is narrative and communicates information you can analyze and represent its informational content, no matter its type, purpose or form of producing.

Thus, it is proposed to present a bibliographical synthesis of the readings done about documentary analysis of photograph intending to discuss the content representation procedures of photographic document available in scientific literature in order to offer subsidies to a better comprehension of this subject.

INTRODUÇÃO

A análise documental deve desempenhar as suas funções de análise, síntese e representação de acordo com as características de forma e de conteúdo que os documentos possuem.

A fotografia, documento que transmite informação registrada em um suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade.

Assim, o documento fotográfico tem o seu papel definido como produtor de informações e, nesse sentido, merece uma atenção especial na realização de uma análise documental que possibilite uma representatividade adequada de seu conteúdo e uma satisfatória recuperação de informação.

Com a proposta de apresentar uma síntese bibliográfica das leituras realizadas sobre a análise documental de fotografias, este trabalho de revisão tem por objetivo discutir os procedimentos de representação de conteúdo do documento fotográfico disponíveis na literatura científica da área, com o intuito de oferecer subsídios para uma melhor compreensão sobre essa temática.

O DOCUMENTO FOTOGRÁFICO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA A GERAÇÃO DE CONHECIMENTO

A Ciência da Informação tem por finalidade estudar as propriedades e o comportamento da informação, as etapas que compõem o ciclo informacional e os meios de processamento dessa informação para a otimização do acesso e uso, cumprindo o seu papel social e garantindo a geração de novos conhecimentos que irão contribuir para o desenvolvimento e o bem da sociedade.

Um dos seus traços originários é a documentação, disciplina que se preocupa com o processo de reunir, classificar e discutir documentos em todos os campos da atividade humana.

De acordo com os estudos realizados por MANINI (2002) em sua tese de doutorado, **documento** «é a concretização de toda informação registrada (e útil, para ser guardada) – independente de qual seja o suporte desta informação – passível de transmitir conhecimento; é o testemunho da realização da atividade humana». Desse modo, podemos tratar o nosso objeto de estudo, a fotografia, como documento

que transmite informação registrada em um suporte papel (fotografia analógica) ou eletrônico (fotografia digital), viabilizando a geração de conhecimento. Toda imagem tem um suporte e uma técnica e isso determina o seu significado.

Segundo BARTHES (1984, p. 21), «tecnicamente, a fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química, trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é de ordem física, trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico».

A palavra fotografia tem origem no idioma grego e significa escrever com a luz (foto = luz e grafia = escrita). Nesse sentido, o significado da própria palavra já a nomeia como documento. A fotografia registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade.

Toda imagem é representativa, tem um suporte, é referencial, estética, artística, sintética, emotiva, objetiva e subjetiva. Além disso, a fotografia é real pois, documenta.

Conforme MANINI (2002, p. 80) «a Ciência da Informação trabalha com representações; através de suas operações, conceitos representam documentos, termos representam textos escritos ou imagéticos (entre outros)».

Segundo SONTAG (1981, p. 23), «O limite do conhecimento fotográfico do mundo está ao mesmo tempo em poder ele despertar consciências e, finalmente, em jamais ser um conhecimento ético ou político».

A fotografia, como texto visual, possui um enunciado, uma textualidade, uma narrativa. É um meio de comunicação possuindo um emissor (a fotografia em si – imagem fixa), um receptor (o usuário) e um mediador (que será a linguagem fotográfica).

IMAGEM: EMISSOR - - - RECEPTOR

└───────────────────┬───────────────────> MEDIAÇÃO: LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

A linguagem fotográfica tem um código e, assim, possui um signo, um significante e um significado. Conforme SAUSSURE (2003), todo signo é arbitrário e, dessa maneira, a relação entre o significante e o significado também o são.

Nesse cenário, se a fotografia possui um enunciado, ela é narrativa e transmite uma informação; também, podemos analisar e representar o seu conteúdo informacional, independentemente do tipo, da finalidade e da forma

de produção da fotografia. Para isso, baseamo-nos em alguns critérios estabelecidos por MANINI (2002), complementados por outros que a autora não abordou em seu estudo:

- Estética/artística: embora seja um tipo de fotografia abstrata (representada pelo belo e pelo harmonioso), há toda uma concepção plástica da fotografia em que ela é inserida e aceita, possuindo um conteúdo informacional;
- De verossimilhança/representacional: «uma fotografia pode representar melhor determinado conteúdo que outras». Assim, por meio da verossimilhança, o usuário terá condições de selecionar a fotografia que melhor represente o seu referente e que atenda as suas necessidades informacionais;
- Ilustrativa: a fotografia com a função de esclarecer, exemplificar, demonstrar um fato, um acontecimento. Muitas vezes, o próprio texto visual (a ilustração fotográfica) sobrepõe-se ao texto verbal;
- Comercial: a imagem fotográfica será, de alguma maneira, comercializada ou para fins publicitários (campanhas publicitárias divulgadas pelos meios de comunicação impressos e/ou eletrônicos), ou para atender a algum processo de *marketing*;
- De exposição/publicação: nesse contexto a fotografia será publicada para demonstrar uma produção artística, a produção de um evento, para fins históricos e/ou científicos na publicação de um acontecimento, uma descoberta entre outros;
- Probatório: a utilização da fotografia como documento probatório para esclarecimento, comprovação de um acontecimento ou fato que implica num testemunho documental. Neste caso, não é nosso objetivo discutir sobre a manipulação da imagem fotográfica;
- Jornalística: tem a função de transmitir com maior eficiência o fato jornalístico, fornecendo maiores subsídios para a compreensão da notícia;
- Didático/científico: a fotografia como instrumento didático utilizado em cursos, aulas, palestras, seminários, tanto no suporte papel, como na utilização de projeção de diapositivos (*slide*) ou por meio eletrônico (fotografia digital). Como documentação científica no campo das ciências da saúde como, por exemplo, na área de odontologia, auxiliando nos processos diagnósticos e terapêuticos, no desenvolvimento, acompanhamento e avaliação de tratamentos de diversas patologias, bem como nos testes de novas descobertas e/ou possibilidades terapêuticas;

• Pessoal/familiar: neste caso, esse tipo de fotografia interessa aos usuários que necessitam (re)compor seu álbum de família e/ou que estão (re)construindo sua árvore genealógica.

O documento fotográfico pode compor o acervo de um arquivo, de uma biblioteca, de um museu ou de um centro de documentação, independentemente da área de sua utilização e do conhecimento que ela representa. De qualquer maneira, quando o usuário precisar de uma informação recorrerá a essas unidades de informação na busca de respostas para sua pesquisa e/ou outros interesses que atendam as suas necessidades de informação.

Nesse sentido, os documentos imagéticos como fonte de informação cumprirão o ciclo informacional, isto é, a partir da produção intelectual, a informação passará por um processo que abrange várias etapas como a edição, a seleção, a aquisição, o processamento técnico, a armazenagem e a estocagem, a disseminação, a recuperação e a utilização da informação.

Segundo SMIT (1995, p. 4),
«[...] o usuário que procura imagens (fotografias ou diapositivos) num banco de imagens, é totalmente incapaz de descrever claramente a imagem necessária, em todos os seus detalhes. Digamos que ele tem uma consciência incompleta da imagem procurada. A seleção da imagem final se fará por comparação entre imagens, e não entre a imagem idealizada e as imagens realmente propostas».

Para que o usuário possa realmente acessar e utilizar a informação, isto é, a imagem fotográfica, esta deverá ser tratada tecnicamente em nível descritivo, isto é, tratamento documental do suporte material – representação descritiva ou catalogação, onde serão identificados e descritos os elementos como autor da fotografia-fotógrafo, título (às vezes atribuído pelo próprio profissional da informação), data, local (nome da cidade e/ou país), descrição física da fotografia, ou seja, quantidade de fotografias, se é preto e branco (p&b) ou colorida (color) e tamanho. Esses elementos são registrados tendo como fonte de informação a própria fotografia. Caso esses elementos não se encontrem identificáveis em sua totalidade, deve-se procurá-los, dentro do possível, em obras de referências e em outros materiais para a sua identificação completa. Anotações que porventura existirem nas margens, no verso e em outros locais da fotografia, bem como as dedicatórias são consideradas preciosas fontes auxiliares de informação para a identificação dos elementos descritivos ajudando na contextualização da imagem e na elaboração da legenda.

A legenda é um atributo muito importante que auxilia na compreensão da imagem mas que, por sua vez, poderá induzir o profissional da informação no processo de indexação e representação do conteúdo da imagem.

O segundo momento do tratamento técnico do documento fotográfico é o tratamento documental do conteúdo, isto é, a análise do conteúdo que ele apresenta.

DISCUTINDO A ANÁLISE DOCUMENTAL DE FOTOGRAFIAS

Entende-se por análise documental «o conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação» (CUNHA 1989, p. 40). As principais operações da análise documental são a análise, a síntese e a representação, podendo-se realizar as atividades de classificação, indexação e elaboração de resumos para a descrição do conteúdo de um documento.

Portanto, pode-se considerar o objetivo da análise documental como sendo “representar para recuperar”.

Segundo KOBASHI (1994, p. 20),

«[...] o tratamento documentário do conteúdo – a análise documentária – visa, por outro lado, elaborar representações condensadas daquilo que é dito em um dado texto. As representações documentárias típicas são o resumo e o índice, sendo que a primeira – o resumo – responde pela função de condensação da informação e a segunda – a indexação – pela de índice, de pista de conteúdo».

De acordo com MANINI (2002, p. 57), «[...] resumir uma imagem fotográfica é dizer, de maneira sucinta, o que ela tem de principal [...]».

Quanto a indexação, esta possui duas etapas que são desenvolvidas: a primeira, é a etapa da análise conceitual do documento (por onde se avalia e se retira o assunto desse documento) e a segunda, é o momento da “tradução”, isto é, a etapa em que o assunto do documento é representado por um termo de uma linguagem documental. «A análise da fotografia prevê a transposição de elementos do código imagético para o verbal: parte-se da fotografia e o resultado é verbal (seja no resumo ou na indexação)». (MANINI 2002, p. 50).

Se tomarmos como base os estudos sobre a análise documental de documentos textuais para representação temática da informação, verificamos que a mesma não pode ser aplicada automaticamente utilizando-se os mesmos parâmetros

do documento textual ao documento visual. O modo de produção de um documento influencia no seu tratamento técnico.

Conforme exposto por SMIT (1996, p. 29), isso deve-se ao fato que «o estatuto da imagem fotográfica distingue-a do texto» e que «a utilização da imagem fotográfica (e da imagem em geral) não se baliza unicamente por seu conteúdo informacional, mas também por sua “expressão fotográfica”». Entende-se por expressão fotográfica, a imagem captada mecanicamente e obtida por meio da técnica, também mecânica, do processamento de imagens (revelação do filme em p&b, cor e/ou transposição para o papel, trucagens de laboratório, etc) mas que deve comportar (“traduzir”) necessariamente o olhar do fotógrafo quanto ao objeto fotografado e a maneira como este deve se apresentar perante outros.

A análise documental de imagens deve atender aos preceitos da documentação, refletindo a credibilidade e segurança no momento da recuperação da informação pelo usuário. Atendendo assim ao objetivo central da análise documental, a informação documental deve promover a identificação de materiais informacionais que respondam, de maneira satisfatória, às questões dos usuários e, por outro lado, possibilitar a tomada de decisões sobre a consulta e a escolha de um determinado documento original. Para que essas funções sejam devidamente cumpridas, a informação documental deve ser elaborada por meio de métodos que correspondam à equivalência entre o sentido do texto original e a sua representação.

Segundo GURAN (1992, p. 15) «a fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar, e se constitui em uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível».

A fotografia é um objeto, é uma representação do real. BARTHES afirma que a fotografia como objeto possui três práticas: fazer, suportar e olhar.

O **fazer** é a ação do fotógrafo que ele nomeia de **operador**; o **suportar** é o referente, o objeto fotografado que ele chama de *spectrum* e o “olhar” somos todos nós, todas as pessoas, denominados de *spectador*. Seguindo a ótica do autor, a descrição do conteúdo da imagem fotográfica deve apresentar o contexto que o operador se propôs a representar por meio do *spectrum* enquanto objeto referente e as respostas para as necessidades de informação manifestadas pelo *spectador*.

Para se compreender essa imagem fotográfica, reportar-se-á às teorias de BARTHES sobre a questão da aderência do referente. Segundo o autor (1984, p. 15), «[...] a fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos

pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre [...] estão colados um ao outro [...]». O referente adere à imagem e, nesse sentido, podemos considerar que a fotografia é a representação por projeção.

Retomando essa questão da interpretação da imagem fotográfica quanto a presença marcante do referente que se insere na análise documental da imagem fotográfica, verificamos as teorias propostas por PANOFSKY (1979) que podem nos ajudar a compreender e interpretar a imagem fotográfica, por meio dos seguintes níveis de descrição: o nível pré-iconográfico, o nível iconográfico e o nível iconológico.

O nível pré-iconográfico descreve, genericamente, «os objetos e as ações representadas pela imagem»; o nível descritivo iconográfico «descreve e classifica as imagens» estabelecendo o assunto secundário ou convencional representado pela imagem e o nível iconológico é uma iconografia interpretativa, isto é, um método de «interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem».

Exemplificando esses níveis, definidos por PANOFSKY, para interpretar-se a imagem fotográfica, tem-se a seguinte situação na fotografia abaixo:



FONTE: OS AMERICANOS ESTÃO INSEGUROS. [CONSULT. 18 SET. 2004].
DISPONÍVEL EM: <URL:HTTP://WWW.MIDIAINDEPENDENTE.ORG/PT/BLUE/2004/02/273906.SHTML>.

- Nível pré-iconográfico: dois homens e um gesto (indício de um aperto de mãos: cumprimento) – **descrição**;
- Nível iconográfico: representação de um encontro político entre o Presidente do Brasil – Luís Inácio Lula da Silva – e dos Estados Unidos – George W. Bush – **análise**;
- Nível iconológico: contextualização desse encontro no cenário político que eles representam, bem como do local e da época em que a imagem foi gerada – **interpretação**.

Nesse cenário, pode-se sugerir a criação de um código significando um encontro político entre os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos dentro de um momento histórico.

De acordo com PANOFSKY (1979), todas as imagens cumprem uma função e têm um conteúdo. Além de serem figurativas são também narrativas. O conteúdo da imagem deve estar inserido num contexto de produção e de recepção; a imagem tem de ser sempre contextualizada.

MARKEY (1986) enfatiza as teorias apresentadas por PANOFSKY (1979) expondo que os três níveis de análise são fundamentais para a realização da interpretação da imagem fotográfica .

Segundo a autora, a aplicação dos níveis pré-iconográfico e iconográfico é fundamental e necessária para a descrição do conteúdo do documento fotográfico. Esses dois níveis se complementam, possibilitando aos profissionais de informação a realização de uma análise dos documentos fotográficos mais condizente com a proposta fotográfica do autor.

Quanto ao nível iconológico, este requer uma contextualização social, política e/ou econômica sobre a representatividade do conteúdo do documento e, dessa forma, a autora atribui essa responsabilidade também aos historiadores, complementando a interação existente entre esses três níveis de interpretação da imagem fotográfica.

Além disso, analisaram-se, também, os estudos de SHATFORD (1986) onde a autora apresenta a imagem como sendo simultânea, específica e genérica. Assim, seguindo a sua teoria e exemplificando, um edifício representa tanto a «categoria genérica dos edifícios» como, também, «um edifício em específico», por exemplo, o «Edifício Itália», em São Paulo.

Fazendo uma analogia das teorias apresentadas por SHATFORD com as de PANOFSKY, apresentadas anteriormente, a categoria genérica (edifícios) corresponde ao nível de descrição pré-iconográfico, a categoria específica (Edifício Itália), ao nível de descrição iconográfico, e a categoria SOBRE (escritórios, trabalho, arquitetura, urbanização, desenvolvimento econômico, etc.), corresponde ao nível iconológico.

Nesse contexto, pergunta-se: afinal, como e o que devemos descrever da imagem fotográfica?

Muitos pesquisadores e estudiosos de análises de textos, incluindo a documental, utilizam as categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE como suportes para essas análises. Sendo assim, SMIT (1996, p. 32) delinea um quadro que demonstra as finalidades e a aplicação dessas categorias na análise documental de imagens.

QUEM	IDENTIFICAÇÃO DO “OBJETO ENFOCADO”: SERES VIVOS, ARTEFATOS, CONSTRUÇÕES, ACIDENTES NATURAIS, ETC.
ONDE	LOCALIZAÇÃO DA IMAGEM NO “ESPAÇO”: ESPAÇO GEOGRÁFICO OU ESPAÇO DA IMAGEM (P. EX.: SÃO PAULO OU INTERIOR DE DANCETERIA).
QUANDO	LOCALIZAÇÃO DA IMAGEM NO “TEMPO” CRONOLÓGICO OU MOMENTO DA IMAGEM (P. EX.: 1996, NOITE/VERÃO).
COMO/O QUE	DESCRIÇÃO DE “ATTITUDES” OU “DETALHES” RELACIONADOS AO “OBJETO ENFOCADO”, QUANDO ESTE É UM SER VIVO (P. EX.: CAVALO CORRENDO, CRIANÇA TRAJANDO ROUPA DO SÉCULO XVIII).

QUADRO DEMONSTRATIVO DAS CATEGORIAS NA ANÁLISE DOCUMENTAL DE IMAGENS

Dentro dessas categorias delineadas por SMIT, procedeu-se à análise de uma fotografia como segue:



FONTE: LULA RECEBE A FAIXA PRESIDENCIAL. [CONSULT. 20 SET. 2004]
DISPONÍVEL EM: <URL:HTTP://NOTICIAS.TERRA.COM.BR/ELEICOES/GALERIAS/FOTO/0,,011543-EI1006F127547,00HTML>.

QUEM/O QUE: Luís Inácio Lula da Silva – Brasília – DF, Brasil

QUANDO: 2003

COMO: comemorando o recebimento da faixa presidencial

PARKER (1995) também destaca a necessidade de uma descrição detalhada do conteúdo do documento fotográfico para a realização de uma indexação adequada às necessidades informacionais dos usuários.

A autora expõe que os documentos textuais, tais como livros e artigos de periódicos, são acompanhados de diversas fontes de informação – título, sumário e/ou índice – para auxiliar a determinação do autor, da proposta do trabalho, bem como do assunto total desse trabalho. Porém, os documentos imagéticos não possuem, freqüentemente, tais indicadores para a descrição de forma e de seus conteúdos.

Para tanto, especificamente sobre a representação temática desses documentos imagéticos, apresenta o “Thesaurus for Graphic Materials I: Subject Terms” (TGM I) para a determinação dos termos de assuntos. O tesaurus, criado a partir da Library of Congress Subject Headings (LCSH) não oferece uma estrutura facetada e hierárquica entre os termos superordenados (*barrow terms*) e subordinados (*narrow term*), tendo sido construído para a indexação de materiais gráficos (pintura, fotografia, desenhos, caricaturas, cartazes e desenhos arquitetônicos) sendo, portanto, destinado a um público interessado em coleções gerais de imagens.

Analisando mais enfaticamente a questão da descrição e da interpretação da imagem fotográfica, verificaram-se os trabalhos de BARTHES (1990), MOREIRO GONZÁLEZ e ROLEDANO ARILLO (2003) onde essa questão é abordada nomeando-se como denotação e conotação, respectivamente.

Segundo os autores, o estado denotativo é o momento da descrição fiel da imagem fotográfica, isto é, o que realmente está sendo representado pela imagem (processo descritivo, imagem objetiva) enquanto o estado conotativo é a interpretação que se dá à imagem representada, isto é, a forma como vemos e sentimos essa imagem (processo interpretativo, imagem subjetiva). BARTHES (1990, p. 15) coloca que «a conotação é produzida por uma modificação do próprio real, isto é, da mensagem denotada».

ROLEDANO ARILLO (2000, p. 274) faz uma distinção entre conotação subjetiva e conotação objetiva. A conotação subjetiva é muito dependente do nosso estado de conhecimento, ideologia, estado emocional e vivências. Esses fatores variam continuamente e, por consequência, uma fotografia pode chegar a sugerir significados diferentes para um mesmo intérprete em momentos distintos. Já a conotação objetiva é mais cultural, isto é, pode derivar de uma mentalidade compartilhada socialmente (por uma cultura, civilização, nação, classe social, etc.). Independentemente das formas de conotação, esta sempre se refletirá na indexação.

O sentido de conotação objetiva também é validado por CALDERA SERRANO e NUÑO MORAL (2004) só que nomeado como “denotação subjetiva” ou “conotação universal”.

Conforme SMIT (1989, p. 102), «A descrição de uma imagem nunca é completa»; o profissional da informação, seja ele de um arquivo, biblioteca, museu ou de um centro de documentação, sempre estará diante da conotação, isto é, do sentido da imagem, de sua interpretação, de suas raízes culturais que se manifestam e que irão influenciar muito o processo da análise documental, isto é, a descrição e indexação dessa imagem.

A imagem possui características próprias que dificultam a sua classificação de forma eficiente. A imagem fotográfica é ambígua permitindo inúmeras interpretações do seu sentido aos olhos de quem a vê, a contempla, a sente e a analisa.

Nesse contexto, e pelos estudos realizados por BARTHES (1984), verificamos a necessidade de se nomear e descrever uma imagem fotográfica quando o autor estabelece as diferenças entre *studium* e *punctum*.

Studium é a leitura grossa da fotografia, «[...] que não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoso, é verdade, mas sem acuidade particular». (BARTHES 1984, p. 45).

Punctum é o detalhe que quase não se vê, e é aquilo que chama a atenção, fora do normal. «Nesse espaço habitualmente unário, às vezes (mas, infelizmente, com raridade) um “detalhe” me atrai. Sinto que basta sua presença para mudar minha leitura, que se trata de uma nova foto que eu olho, marcada a meus olhos por um valor superior. Esse “detalhe” é o *punctum* (o que me punge)». (BARTHES 1984, p. 68).

De acordo com CALDERA SERRANO e NUÑO MORAL (2004), um sério problema ocorre na indexação do documento audiovisual – a questão da indexação dos aspectos conotativos das imagens – e é nesse ponto que entra em jogo a valorização subjetiva do profissional da informação no momento do processamento técnico da imagem.

«Quanto mais representacional for a informação visual, mais específica será sua referência; quanto mais abstrata, mais geral e abrangente.» (DONDIS 1997, p. 95). A imagem, de acordo com seu discurso, imputa alguns significados.

Verificou-se, assim, que a análise documental da imagem fotográfica demanda ainda muitos estudos para chegarmos a um consenso sobre esse processo. A questão da descrição e da interpretação da imagem requer investigações mais aprofundadas.

Isso, também, é constatado por meio de um estudo realizado por JÖRGENSEN (1999) que analisou sistemas de classificação e vocabulários controlados em relação a dados empíricos precedentes dos atributos¹ de imagens relatados pelos participantes dessa pesquisa, descrevendo-as e classificando-as de acordo com os seus interesses.

Os grupos dos atributos foram investigados, descrevendo objetos, povos, emoções e relacionamentos, informação histórica da arte, elemento e informação visual da posição, conceitos abstratos, cor, descrição geral, e a “história” da imagem. A terminologia foi codificada manualmente e uma descrição quantitativa das ocorrências das terminologias dentro desses sistemas relacionados aos atributos é apresentada. Para os usuários em geral, os resultados demonstraram que muitos termos dos sistemas e/ou dos vocabulários são demasiadamente técnicos e não se encontraram de acordo com as necessidades de indexação das imagens. Essa pesquisa apontou para a necessidade do desenvolvimento de um vocabulário para a indexação de imagens que atenda aos interesses dos usuários.

CHEN e RASMUSSEN (1999) apresentam duas técnicas para a indexação da imagem fotográfica denominadas indexação de imagens baseada em conceitos e indexação de imagens baseada no conteúdo.

A indexação de imagens baseada em conceitos é aquela em que as imagens são identificadas e descritas (indexadas) em termos do que elas são e do que elas representam. Para tanto, podem ser utilizados os vocabulários controlados ou a linguagem natural para a representação dos conceitos.

A técnica de indexação de imagens baseada no conteúdo considera a cor, a forma e a textura da imagem como alguns aspectos relevantes para a indexação. Esses aspectos são identificados mais adequadamente por meio da utilização de programas de computadores.

Assim, a técnica de indexação de imagens baseada em conceitos possibilita um alto nível de análise da imagem fotográfica, diferentemente da técnica de indexação de imagens baseada no conteúdo que apresenta um nível mais baixo de interpretação e análise dessa imagem.

Na obra de SCHAEFFER, “A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico” (1996, p. 38), nos deparamos com a questão do “*arché*” da imagem. O autor explica o que vem a ser esse “*arché*” da fotografia: «uma fotografia funciona como uma imagem indicial contanto que se saiba que se trata de uma fotografia e o que este fato implica».

A interpretação de AUMONT (1993, p. 163), sobre a questão do “*arché*” apresentado por SCHAEFFER, é que «Se uma imagem que, por si própria, não existe em modo temporal pode entretanto transmitir uma sensação de tempo, é porque o espectador nela coloca algo de seu e acrescenta alguma coisa à imagem. Nossa hipótese, é a de que essa “alguma coisa” **é um saber sobre a gênese da imagem**, sobre seu modo de produção [...]», o “*arché*” da fotografia.

O *arché* diz respeito ao estatuto da informação analógica e não a sua interpretação. É dessa maneira que o fotógrafo capta a imagem motivadora espontaneamente, e o receptor identifica a imagem com sua interpretação receptiva sem que haja, necessariamente, qualquer relação interpretativa entre produtor e receptor. O *arché* é o “*click*” do fotógrafo.

Dentro do exposto, verificou-se que a questão da indexação da imagem fotográfica toma proporções ainda maiores no sentido da análise e da interpretação realizada pelo profissional da informação e desta corresponder a necessidade de busca e de informação do usuário.

Uma unidade de informação tem por objetivo atender aos seus usuários de maneira que a recuperação da informação vá ao encontro de suas necessidades de busca.

Assim, quando um usuário procura um arquivo, uma biblioteca, um museu ou um centro de documentação ele tem em mente a sua necessidade de informação, isto é, a questão-problema que procura por uma solução. A imagem idealizada nem sempre irá corresponder à imagem realmente proposta.

O profissional da informação, por meio da indexação, realizou uma representação do conteúdo. Este, por sua vez, no momento da “tradução” pode realizar uma interpretação que não condiz com a representação real apresentada pela imagem. O processo que implica na representação do conteúdo da imagem por meio de palavras-chave (utilização da linguagem natural) ou por meio de descritores (utilização de uma linguagem documental como, por exemplo, um tesouro) já implica em um processo conotativo.

A determinação de palavras-chaves ou de descritores deve representar o conteúdo da imagem fotográfica de maneira que possibilite ao usuário identificar as suas necessidades de informação. Esses termos devem representar os objetos e/ou as pessoas que aparecem na fotografia, bem como representar essas pessoas e/ou os objetos que foram identificados como sendo os referentes da imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande dificuldade da análise documental da imagem fotográfica consiste na separação entre a denotação e a conotação sem contar que indiretamente a própria legenda da fotografia já nos guia para uma análise conotativa.

Segundo ROBLEDANO ARILLO (2000), o objetivo da análise documental de imagens é gerar uma representação que permita a recuperação por atributos de conteúdo das imagens de fundo. Trata-se de recolher na ficha descritiva os aspectos mais relevantes do conteúdo icônico e conceitual da fotografia.

A análise do conteúdo requer três etapas: leitura do conteúdo, síntese do conteúdo e representação do conteúdo.

O objetivo do profissional da informação é representar o conteúdo da imagem fotográfica para torná-la acessível – socialização do conhecimento – ao usuário, e este tem por objetivo procurar informações que atendam as suas necessidades de investigação, entre outras finalidades. Portanto, esse processo requer um sincronismo entre o “olhar” do profissional da informação e o “olhar” do usuário. Nesse sentido, o desafio do tratamento técnico da imagem fotográfica, especialmente da representação do seu conteúdo, merece toda atenção dos estudiosos, pesquisadores e profissionais que atuam com esse documento. E o “olhar” do fotógrafo é contemplado na interpretação desses dois olhares: o do profissional da informação e do usuário?

A visualidade torna-se reconhecidamente um dos mais importantes recursos cognitivos. A representação das imagens por meio de palavras ou ícones (semiologia ou semiótica, respectivamente) sempre foi considerada um paradigma dentro da ciência cognitiva.

No âmbito da ciência da informação, a análise documental é um processo instrumental, ou seja, compreender-se-á o texto imagético e identificar-se-á uma ou mais palavras que passarão a significar o conteúdo do mesmo. Assim, a análise documental

é compreensiva e não interpretativa, é uma “leitura” profissional do documento que está sendo tratado no seu aspecto temático.

Mesmo assim, compete à ciência da informação, com sua veia multidisciplinar pós-moderna, delinear e indicar os caminhos e os parâmetros para o acesso mais eficiente a essas imagens, mais especificamente a fotografia como documento informacional, disponíveis em diversos sistemas e unidades de informação.

NOTAS

¹ Um “atributo” é definido como sendo algum tipo de característica, de componente, ou de propriedade de um estímulo que possa ser representado por um sistema de processamento de informação. Os atributos não são limitados às características puramente visuais, mas incluem outras respostas cognitivas, afetivas ou interpretativas de uma imagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, J – “A parte do dispositivo”.
In AUMONT, Jacques – *A imagem*.
Tradução de Estela dos Santos Abreu.
Campinas: Papyrus, 1993. cap. 3, p. 135-195.
- BARTHES, Roland – *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland – “A mensagem fotográfica”.
In BARTHES, Roland – *O óbvio e o obtuso*.
Tradução de Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 11-25.
- CALDERA SERRANO, Jorge; NUÑO MORAL, María Victoria – *Diseño de una base de datos de imágenes para televisión*. [2004].
- CHEN, Hsin-Liang; RASMUSSEN, Edie M. – “Intellectual access to images”. *Library Trends*, Fall 1999, Vol. 48, n.o 2, p. 291-302.
- CUNHA, Isabel M. R. Ferin – “Análise documental”. *In* SMIT, Johanna Wilhelmina (Coord.) – *Análise documental: a análise da síntese*. 2.ª ed. Brasília: IBICT, 1989. p. 39-62.
- DONDIS, Donis A – “Anatomia da mensagem visual”. *In* DONDIS, Donis A – *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2.ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 85-106.
- GURAN, Milton – “Linguagem fotográfica”.
In GURAN Milton – *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992. p. 15-22.

JÖRGENSEN, Corinne – “Image indexing: an analysis of selected classification systems in relation to image attributes named by naive users”. *Annual Review of OCLC Research 1999* [Em linha]. (Fall, 1999). {Consult. 17 Jan. 2006}. Disponível em: <URL: <http://www.oclc.org/oclc/research/publications/review99/jorgensen/>>

KOBASHI, Nair Yumiko – *A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. São Paulo, 1994. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

MANINI, Miriam Paula – *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*. São Paulo, 2002. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

MARKEY, Karen – *Subject Access to Visual Resources Collections: a model for computer construction of thematic catalogs*. New York: Greenwood Press, 1986.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio; ROBLEDANO ARIILLO, Jesús – *O conteúdo da imagem*. Tradução de Leilah Santiago Bufrem. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.

PANOFSKY, Erwin – *Significado nas artes visuais*. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 2.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PARKER, Elizabeth Betz – *Thesaurus for graphic materials*. Binding: Softcover, 1995.

ROBLEDANO ARIILLO, Jesús – “Documentación fotográfica en medios de comunicación social”. In MOREIRO José Antonio (Coord.) – *Manual de documentación informativa*. Madrid: Catedra, 2000. p. 183-290.

SAUSSURE, Ferdinand de – *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 30.ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHAEFFER, Jean-Marie – *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. 1.ª ed. Campinas: Papirus, 1996.

SHATFORD, Sara – “Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach”. *Cataloging & Classification Quarterly*, 1986, vol. 6, n.º 3, p. 39-62.

SMIT, Johanna – *Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas*. São Paulo: APB, 1995.

SMIT, Johanna Wilhelmina – “A análise da imagem: um primeiro plano.” In SMIT, Johanna Wilhelmina (Coord.) – *Análise documentária: a análise da síntese*. 2.ª ed. Brasília: IBICT, 1989. p. 101-113.

SMIT, Johanna Wilhelmina – “A representação da imagem.” *INFORMARE: Cadernos do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação*, 1996, Vol. 2, n.º 2, p. 28-36.

SONTAG, Susan – *Ensaio sobre a fotografia*. Tradução de Joaquim Paiva. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.